

Eclesiologia e Ação Pastoral de Dom Fernando Gomes dos Santos (1910-1985): da hierarquia à comunidade

Lindsay Borges¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo examinar a relação entre a eclesiologia e a ação pastoral de Dom Fernando Gomes dos Santos (1910-1985), ao longo de sua trajetória como padre e, principalmente, como Bispo e Arcebispo. Ao perscrutar esse percurso – por meio dos veículos de comunicação religiosos – evidencia-se como o prelado constituiu-se em referencial das mudanças da Igreja no Brasil, a partir de meados do século XX, partindo de uma visão eclesiológica e uma prática pastoral voltada para o interior da instituição, cujo ápice foi uma concepção reiterada da Igreja como povo de Deus, voltada para a comunidade. Nesse processo, chama atenção a destacada participação de Dom Fernando na criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952, e seus pronunciamentos durante o Concílio Vaticano II (1962-1965).

Palavras chave: Dom Fernando Gomes dos Santos, Eclesiologia, História da Igreja.

Dom Fernando Gomes Dos Santos' Ecclesiology and Pastoral Activity (1910 – 1985): from hierarchy to the community

Abstract: This paper aims to examine the relationship between ecclesiology and Dom Fernando Gomes dos Santos' (1910-1985) pastoral activity through his trajectory as a priest, and mainly, as Bishop and Archbishop. In scanning this objective – through the religion ways of the media – it makes evident that as a prelate he became a reference of the church's change in Brazil, from middle 20th Century, departing from an ecclesiology and a pastoral vision turned to the interior of the institution, which apex was a reiterated conception of “God's people”, turned to the community. In this process called attention the outstanding participation of Dom Fernando in the creation of the National Conference of Bishops of Brazil (CNBB), in 1952, and his pronouncements during the Second Vatican Council (1962-1965).

Key words: Dom Fernando Gomes dos Santos, Ecclesiology, History of the Church.

Recebido em 09/09/2013 - Aprovado em 20/09/2013

Ao longo do século XX, a Igreja Católica no Brasil enfrentou distintos desafios, deparando-se com a premência de se adequar a um cenário cada vez mais secular, como forma de acompanhar as aceleradas transformações sociais. Com esse propósito, introduziu mudanças em sua eclesiologia e em sua ação pastoral, tendo em vista manter sua influência para além do âmbito religioso. Nesse processo, um grupo de bispos se destacou e, neste artigo, ressaltaremos a trajetória de Dom Fernando Gomes dos Santos (1910-1985), enfatizando como o prelado viveu de maneira paradigmática a transformação estrutural observada na Igreja naquele período, incorporando essas

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás, área de concentração História, Memória e Imaginários Sociais. Professora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, da Universidade Federal de Goiás. lindsayb@terra.com.br.

mudanças em sua eclesiologia e ação pastoral. Com a rígida formação que recebeu na Paraíba e, posteriormente em Roma, tornou-se um destacado defensor do papel central da hierarquia eclesiástica no comando da instituição. Contudo, a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Conferência do Episcopado Latino-Americano (1968), também fez reverberar os novos posicionamentos doutrinários, incentivando o papel ativo do leigo nas pastorais.

O prelado viveu de maneira singular essa época de mudanças na Igreja, particularmente no período em que atuou como Bispo de Penedo, AL, (1943-1949); de Aracaju, SE, (1949-1957) e como Arcebispo de Goiânia, GO, (1957-1985). Ao mesmo tempo em que manteve estrita fidelidade aos preceitos do Vaticano, Dom Fernando contribuiu para que a instituição se adequasse às mudanças do mundo moderno, a partir dos anos 1950 e, mais tarde, acompanhou as profundas transformações da instituição, decorrentes da Doutrina Social da Igreja, incorporando os problemas sociais em suas preocupações, colocando-se ao lado do povo e de suas lutas, ao assumir a “opção preferencial pelos pobres”. O desdobramento mais visível dessas mudanças no posicionamento de Dom Fernando foi seu apoio às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), aos movimentos sociais, aos religiosos e aos leigos perseguidos pelo regime militar, aos posseiros envolvidos na luta pela terra e também aos moradores de ocupações urbanas.

Ao enfatizarmos as motivações de Dom Fernando na sua atividade concreta², percebemos a estreita relação entre essas ações e a visão de Igreja manifestada pelo Arcebispo. Em sua ação pastoral, particularmente como Bispo e Arcebispo, a preocupação precípua foi tornar a Igreja mais presente na vida da sociedade, apresentando alternativas cristãs para os problemas enfrentados.

Uma das marcas da eclesiologia de Dom Fernando, definida no período de sua formação religiosa e que o acompanhou até os anos 1960, foi a crença de que nada poderia ser realizado sem a hierarquia. Essa é uma das características da Igreja como *Civitas Dei*, totalidade *ad intra*, definida por Boff (1982) como um dos três modelos de Igreja herdados do passado e que influenciam a instituição até a atualidade³. Trata-se de uma Igreja cuja prática é voltada quase exclusivamente para dentro, em que a hierarquia clerical é base de sua compreensão.

² Pretendemos examinar o que movia as ações de Dom Fernando, pautando-nos na noção de Weber (1992) de que compreensão é apreensão interpretativa do sentido de uma ação. Para o autor (*idem*, p. 400), ação social “é uma ação na qual o sentido sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento do outro e se orienta nela, no que diz respeito ao seu desenvolvimento”. Trata-se, portanto, de um comportamento dirigido à conduta dos outros e carregado de um sentido atribuído pelo sujeito. Cabe ao estudioso compreender, por meio das motivações do sujeito, o sentido dessa ação. Weber (*idem*, p. 322) se interessa em compreender como o homem se comporta em sociedade, tomando o indivíduo como “unidade última”: “O indivíduo constitui o limite e o único portador de um comportamento provido de sentido”.

³ Leonardo Boff (1982, p. 16) avalia que a Igreja não pode ser entendida em si mesma, mas sim em sua relação com o reino e o mundo, para os quais está a serviço: o *Reino* “constitui a utopia realizada no mundo” que se conclui com a salvação. O *mundo* “é o lugar da realização histórica do reino” e a *Igreja* “é aquela parte do mundo que, na força do espírito, acolheu o reino de forma explícita na pessoa de Jesus Cristo”.

Segundo Hackmann (2003, p. 39), a defesa do poder da hierarquia é uma característica dos primeiros tratados de eclesiologia, durante o segundo milênio, marcados pela defesa da autoridade papal diante dos conflitos entre a Igreja e os impérios nacionais: “com isso, o conceito teológico-ético de Igreja é absorvido por um conceito de reino deste mundo, com supervalorização de seu poder”. Essa perspectiva foi reforçada durante a Reforma Protestante no século XVI, na qual a Igreja perdeu sua unidade monolítica que marcou a Idade Média, tendo o Concílio de Trento (1545-1563) refletido essa realidade ao afirmar o primado do Papa.

Os outros dois modelos de Igreja apontados por Boff também influenciaram Dom Fernando. O primeiro deles – Igreja como *Mater et Magistra*, vigente desde o período colonial – conhecido como padroado, pressupõe um pacto com o Estado, que garante o funcionamento da Igreja, provendo suas necessidades. Nesse modelo, a relação da Igreja com o mundo se efetiva por meio dos poderes estabelecidos, sendo essa também uma das principais características da chamada neocristandade proposta mais tarde pela Igreja e adotada por Dom Fernando.

O último modelo citado por Boff (1982, p. 21) – *Igreja como Sacramento Salutis*, modernização da Igreja – é o resultado de muitas mudanças na instituição que acompanhou as transformações do mundo, colaborando na luta por justiça e desenvolvimento integral, eclesiologia consolidada durante o Concílio Vaticano II (1962-1965), no qual “a Igreja é apresentada como sacramento de salvação universal”.

De acordo com Hackmann (2003), desde o início do século XIX a eclesiologia católica passou por uma renovação que reagia à ideia de Igreja centrada na autoridade eclesiástica e elegia como questões fulcrais a unidade orgânica e o Corpo de Cristo. O teólogo João Adão Möhler (1796-1838), a quem se atribui a reconfiguração da eclesiologia moderna, “vê no mistério da Igreja o prolongamento do mistério da encarnação redentora” (HACKMANN, 2003, p. 46). Assim, o teólogo ressalta o princípio divino da Igreja como essência, que se manifesta exteriormente por meio da unidade entre o ser humano e Deus, o visível e o invisível. Essas ideias influenciaram o Concílio Vaticano I (1869-1870). No entanto, foi Pio XII, com a Encíclica *Mystici Corporis* (1943), que marcou a eclesiologia, colocando a ideia do Corpo Místico de Cristo no centro da Igreja. Esse sopro renovador chegou ao Vaticano II (1962-1965), promovendo mudanças profundas na eclesiologia:

[...] A renovação da Eclesiologia, iniciada no princípio do século passado, propicia uma nova visão de Igreja, agora unitária: o visível e o invisível numa simultaneidade, conforme expressa claramente o número 8 da *Lumen Gentium*, demonstrando a importância da redescoberta do mistério da Igreja para a sua autocompreensão. (HACKMANN, 2003, p. 53)

Contudo, ao mesmo tempo em que destaca a unidade da eclesiologia do Vaticano II em torno ao Corpo Místico de Cristo, Hackmann (2003, p. 54) aponta uma divisão binária na encíclica *Lumen Gentium* afirmando que, enquanto o primeiro capítulo reforça o *mistério da Igreja*, o segundo destaca a ideia de *Povo de Deus*: “a partir da dupla

estrutura da Igreja, a divina e a humana, simultaneamente, a Eclesiologia pode partir ou do divino ou do humano, adquirindo, assim, diferente enfoque”. Segundo o autor, essa divisão gera uma má compreensão da natureza da Igreja, surgindo a necessidade de unidade entre ambas.

A recepção do Vaticano II na América Latina teve como marco a Conferência Episcopal de Medellín (1968), cujos documentos refletiram a realidade do continente marcado pela pobreza. Conforme os analistas do encontro, seus estudos inverteram as orientações do Vaticano, pensando a Igreja a partir de sua inserção no mundo e não a partir da espiritualidade.

Ao elaborar um estudo sobre a eclesiologia de Dom Fernando, Amado (1995, p. 60-61) afirma que Medellín foi um “ponto teológico referencial” para o Prelado, não como um acontecimento estanque, mas como resultado de um processo de mudanças na Igreja. Para o estudioso, Dom Fernando pensava a Igreja na sua relação com o *reino* – “uma Igreja baseada no relacionamento da Santíssima Trindade” – e o *mundo* – “uma Igreja pobre com os pobres” –, mas, a partir de Medellín, destaca-se sua preocupação com o mundo. Amado cita o testamento do Arcebispo, por meio do qual professa sua “fé no mistério de Deus uno e trino, crendo firmemente na Igreja de Jesus Cristo”, ou seja, sua crença no mistério trinário da Igreja⁴. Cita também outro documento, no qual Dom Fernando (apud AMADO, 1995, p. 62) assume que “a missão da Igreja é ficar ao lado do pobre, do oprimido”, e conclui que nesse contexto de mudanças da Igreja o Arcebispo forja sua prática eclesial coerente com a opção preferencial pelos pobres.

Converte-se, assimilando e viabilizando criativamente essa nova realidade, através de uma diaconia apostólica (como serviço à libertação). Já não assume a categoria teológica do “secular” (Vaticano II), mas do “pobre”, como sacramento de uma presença privilegiada de Cristo (Mt 25, 31-46). Engajado nesta teoria e prática eclesiológica, situa-se ao lado dos pobres, como defensor e procurador, conforme a praxe antiga da Igreja Primitiva (AMADO, 1995, p. 60).

A inserção de Dom Fernando na história da Igreja no Brasil mostra que suas ações influenciaram e também foram influenciadas por uma série de acontecimentos históricos e que dessa relação emergiu sua figura como referência nacional. A conjuntura em que viveu o levou a agir sob princípios rígidos que pareciam atender à expectativa de seus pares, conforme se verifica nas palavras do Frei Leonardo Boff:

Dom Fernando nos faz recordar, seja pela sua figura imponente, seja pelo seu denodo, seja por sua impressionante força de persuasão, os grandes bispos do passado, como Santo Ambrósio, São João Crisóstomo e São

⁴ Para Hackmann (2003, p. 69), essa dimensão trinária significa que “o projeto salvífico da Igreja implica a participação das três Pessoas divinas. A sabedoria do Pai, do Filho e do Espírito Santo a concebeu; a bondade do Pai, do Filho e do Espírito Santo a quis; a força do Pai, do Filho e do Espírito Santo a criou”.

Gregório Magno. Há poucos fatos eclesiais dos últimos 30 anos que não venham marcados pela presença de Dom Fernando Gomes. (BOFF, 1985)

O Arcebispo tinha consciência de viver em um mundo em transformação e pretendia preparar a Igreja para acompanhar essas mudanças. A própria vida do Prelado ilustra a mudança experimentada pela Igreja ao longo de quase todo o século XX. As ações de Dom Fernando, além de serem coerentes com sua visão de Igreja, revelam ainda como o Arcebispo definiu o sentido de sua ação no esforço de seguir a Jesus Cristo, tornando-se também um modelo cristão.

1- A trajetória de formação religiosa.

Apresentar um personagem singular como Dom Fernando torna-se um desafio, fazendo-se necessário escolher um recorte para tal empreitada. Nessa breve reflexão sobre a trajetória do prelado, pretende-se compreender como seu pensamento sobre a Igreja se refletiu em suas ações como Padre e, principalmente, como Bispo. Verificamos que, a partir da rigorosa formação religiosa que recebeu, Dom Fernando tornou-se, primeiramente, um defensor da hierarquia eclesiástica e, mais tarde, acompanhando as mudanças da instituição, transformou sua perspectiva eclesiológica e abriu-se a uma Igreja mais participativa e comunitária.

Fernando Gomes dos Santos ingressou no Seminário da Paraíba em 1921, onde fez o Curso Preparatório (1921-1925), os dois primeiros anos de Filosofia (1926-1927) e iniciou o curso de Teologia (1928-1929). Segundo Miceli (1988), a fundação do Seminário da Paraíba (1894) fez parte da política expansionista que a Igreja assumiu no Brasil após a separação entre a Igreja e o Estado, em 1980, e essa postura visava também a formação de um clero alinhado às orientações da Santa Sé⁵.

Após o período inicial de formação religiosa Dom Fernando foi estudar em Roma, cursando Teologia na Universidade Gregoriana, além de estudar e residir no Colégio Pio Latino-Americano. Padre Fernando ordenou-se sacerdote dia 1º de

⁵ Ao estudar os fundamentos da formação sacerdotal no Seminário da Paraíba, Barreto (2002, s/p) concluiu que a instituição atendia aos ideais romanizados, inspirados no Concílio de Trento (1545-1563), ratificados pelo Concílio Vaticano I (1869-1870) e pelo Código de Direito Canônico (1867). Esses documentos estabeleciam que os Seminários deveriam ser centros de formação sacerdotal, nos quais “deveriam ser ensinados os conceitos filosóficos e teológicos, tendo por base a disciplina, a ordem, a doutrina cristã e a liturgia”.

Em outro texto, em que aborda os estatutos do Seminário da Paraíba do período, Barreto (2008, p. 2) conclui que o estabelecimento seguia o modelo escolar proposto pela Igreja Católica, que “visava a constituição de um sacerdote “piedoso” e “instruído”, que servisse de exemplo de integridade de costumes, de urbanidade verdadeiramente eclesiástica, de modéstia, de recato, de bom senso, de caridade, de operosidade e de compostura em tudo”. Ao participar das comemorações dos sessenta anos do Seminário Dom Fernando deu o seguinte testemunho:

“Trazido, na infância ainda, para o velho Seminário da Paraíba e nele educado até quase às culminâncias do sacerdócio, sinto que as mais decisivas batalhas de minha vida foram travadas à sombra desta casa de tão felizes páginas escritas na existência de todos os que por aí passamos. Guardando sempre carinhosamente a marca das poderosas influências deste Seminário, invoco saudosamente os exemplos de seus mestres e imploro para o seu futuro as melhores bênçãos divinas”. (SANTOS apud FERNANDES, 1954, p. 81).

novembro de 1932, em cerimônia presidida pelo Cardeal Marchetti Selvaggiani, celebrando, no dia seguinte, sua primeira missa, no túmulo de São Pedro.

O Colégio Pio Latino-Americano, criado em 1858 por Pio IX (1846-1878), representava um passo no processo de institucionalização da Igreja na América Latina (EDWARDS, 2002). Fazia parte desse projeto a reforma na formação do clérigo católico, sendo a primeira alteração a profissionalização e a centralização da educação clerical, padronizando suas normas. Outra etapa importante foi a criação do Colégio Pio Latino-Americano em Roma, que tornou-se o centro propulsor do processo de modernização e profissionalização do clero, contribuindo também para consolidar a unidade da Igreja (EDWARDS, 2002).

A Pontifícia Universidade Gregoriana, na qual Dom Fernando cursou Teologia, era um centro de altos estudos, voltados para a formação do clero católico. Dom Fernando ingressou na Universidade durante o papado de Pio XI (1922-1939), que se preocupava com a qualidade da educação nos seminários, reafirmando a importância do estudo do método escolástico⁶, do Latim e da Teologia Pastoral. Incentivou ainda o estudo sobre Missões, Catequese, História da Igreja, Missiologia e Ação Católica, movimento priorizado pela Igreja no período⁷. Dom Fernando recebeu grande influência deste Papa, como ele mesmo registra:

Roma, no pontificado de Pio XI, marcou de maneira indelével a minha juventude. Era a época do fascismo de Mussolini e da Ação Católica de Pio XI, cognominado “*fides intrepida*” ou “fé corajosa”. Com incrível disposição, condenou os totalitarismos que chegaram a empolgar o mundo, endeusando os seus chefes. Criou a célebre festa de Cristo Rei, como a mostrar que só Jesus Cristo é o Senhor. Condenou, igualmente, o Capitalismo materialista que faz do lucro a razão de ser de tudo, aviltando o trabalho e oprimindo o trabalhador. Com o testemunho, tão próximo, de Pio XI, posso dizer que minha juventude se forjou na luta em defesa da justiça e contra os regimes totalitários. (SANTOS, 1985a, p. 209)

Preocupado com a crescente laicização da sociedade, influenciada por ideologias socioculturais e políticas como o liberalismo e o comunismo, Pio XI articulou o projeto conhecido como neocristandade ou restauração da ordem cristã, que visava a

⁶ O método escolástico constituiu-se em um “[...] sistema bem estruturado, rigoroso e extremamente formal, ensinado em latim, que apresentava um conjunto completo de perguntas e respostas fechadas, gerando uma sensação de totalidade, de segurança, clareza e rigor [substituída depois do Concílio Vaticano II] por uma teologia plural, diversificada, menos estruturada e pouco sistematizada” (LIBÂNIO, 2005, p.73).

⁷ Segundo Duffy (1998), Pio XI assumiu uma postura centralizadora, exigindo a obediência dos que o cercavam e marcando seu papado pela reverberação de seus posicionamentos em relação aos governos autoritários. Depois de uma convivência harmoniosa com Mussolini, cresceram as hostilidades do regime contra a Igreja e, em junho de 1931, Pio XI publicou a encíclica *Non Abbiamo Bisogno*, criticando o fascismo. Da mesma forma, mesmo tendo assinado uma concordata com Hitler, em 1933, enviou a Berlim notas de protesto contra violações da concordata pelo regime nazista e, em 4 de março de 1937, publicou a encíclica *Mit Brennender Sorge*, contra o nacional-socialismo. Cinco dias depois, em 19 de março de 1937, publicou a encíclica *Divini Redemptoris*, condenando o comunismo.

re Cristianização do mundo moderno, tornando a Igreja mais presente na sociedade. O projeto de Pio XI foi considerado por vários autores como restauração da ordem cristã e, por outros, como neocristandade, referindo-se à cristandade inaugurada por Constantino, com a união entre o poder civil e o eclesiástico. A principal estratégia adotada por Pio XI foi mobilizar os leigos por meio da Ação Católica, instituindo-a em 1922, tendo como objetivo preparar o laicato para ocupar postos-chaves na sociedade, tornando-se “fermento na massa” ao levar os valores cristãos ao seu meio: escola, trabalho, entre outros. Esse projeto teve influência significativa na ação pastoral de Dom Fernando, particularmente após sua sagração como Bispo, levando-o a uma posição de liderança no episcopado brasileiro, tendo em vista efetivar ações concretas no sentido de recuperar o papel de destaque da Igreja na sociedade, combatendo o laicismo e as ideologias que o alimentavam.

Desde a década de 1920, a Igreja no Brasil buscava maior aproximação com o Estado, na tentativa de retomar sua posição privilegiada, perdida com a separação oficial ocorrida em 1890. Em razão dessa perspectiva, o projeto de neocristandade visava restaurar a ordem cristã, afirmando a hegemonia do catolicismo na sociedade e, segundo Azzi (1994), pressupunha a aproximação com o Estado, porque a Igreja acreditava que a influência política ajudaria na transmissão da fé.

No aspecto pastoral, a Ação Católica tornou-se o principal instrumento desse projeto de cristianização. No entanto, a partir da década de 1950, a Igreja viu-se impelida a mudar suas práticas pastorais, diante de uma sociedade que se urbanizava e se tornava mais reivindicativa. As estratégias da Igreja – que antes se configuravam na luta contra o comunismo, o protestantismo e o espiritismo e eram baseadas na antimodernização – não tinham mais sustentação e exigiam práticas mais progressistas. Nesse cenário, a Ação Católica também foi influenciada pelas mudanças no pensamento de setores da intelectualidade católica, conforme avaliação de alguns de seus militantes (LIMA e ARANTES, 1984). Dom Fernando se tornaria um protagonista desse movimento em todas as suas fases, incentivando sua organização, particularmente no meio juvenil, mais propenso aos apelos do mundo moderno, reintroduzindo entre os jovens os valores cristãos.

2- O engajamento sócio-religioso

Ao concluir seus estudos, Dom Fernando efetivou o que se esperava de um clérigo formado em Roma. A rigorosa formação que recebeu marcaria sua forma de atuação até o final da década de 1960, tornando-o um fiel seguidor das normas da Igreja e um defensor da hierarquia eclesiástica, sendo que, a partir do Concílio Vaticano II, acompanhou a Igreja em um processo de abertura, assumindo uma posição mais aberta à participação comunitária. A expectativa de Roma era de que os ex-alunos, ao voltarem aos seus países de origem, se destacassem em suas carreiras eclesiásticas, e Dom Fernando coadunou-se ao que se esperava de um ex-aluno das instituições romanas.

Assim que retornou ao Brasil, o jovem padre apresentou-se ao Bispo de Cajazeiras (PB), Dom João da Mata Andrade e Amaral (1934-1941), que o nomeou

diretor do tradicional Colégio Padre Rolim, permanecendo nessa função por três anos (1933-1936). Depois desse período, foi indicado para vigário na própria cidade de Cajazeiras, onde permaneceu durante alguns meses, até que o Bispo o nomeou para vigário em Patos, Paraíba, sua terra natal, onde permaneceu por seis anos (1937-1943).

Desde esse primeiro trabalho, ainda como padre, sua atuação sinalizou uma obra que se tornaria sua marca em três frentes: intensa atuação na área da educação com a fundação de diversas instituições de ensino⁸, a preocupação com os problemas sociais, criando entidades com a finalidade de amenizá-los, além do fomento aos movimentos religiosos.

Enquanto coordenava as edificações necessárias ao projeto da Igreja, Padre Fernando se dedicava de maneira especial à estruturação dos movimentos religiosos, particularmente da Ação Católica (1939), implantada na cidade por ele e que passou a coordenar as demais iniciativas católicas em Patos. Esse movimento sempre teve a predileção do futuro Bispo, por representar a expressão concreta de sua visão de Igreja. Sua perspectiva era de que, sob o comando da hierarquia clerical, a classe média e os setores intelectuais contribuíssem para restaurar a centralidade da Igreja na sociedade em geral.

Padre Fernando também fundou naquela cidade o Círculo Operário, em 1940, movimento que, segundo Gomes (1994, p. 162), era marcado pela ação assistencial e anticomunista. Além de sua atuação no campo do movimento trabalhista, a preocupação do padre Fernando com a mendicância na cidade levou-o a buscar uma solução para o problema, criando a Casa dos Pobres, em 1942.

Segundo Mainwaring (2004, p. 45), nesse período a Igreja não percebia como sua missão a transformação da sociedade: “até aqueles que sentiam que a Igreja deveria buscar uma missão social, geralmente limitavam a natureza dessa missão à caridade e a medidas paliativas”.

No entanto, como Bispo, sagrado em 4 de abril de 1943, quando completava 33 anos, Dom Fernando atuou de forma incisiva para uma sociedade mais cristianizada, uma vez que enquanto padre tinha atuação limitada nesse sentido, devido ao compromisso de seguir a orientação do Bispo. Entretanto, após a sagração episcopal, então o bispo mais jovem do país, pode tomar as iniciativas que julgava necessárias para ampliar a influência da Igreja na sociedade, tanto no plano pastoral como no combate às ideologias adversárias, com medidas que contavam frequentemente com a colaboração do Estado. Dom Fernando tornou-se referência na Ação Católica Brasileira (ACB)⁹, dando vazão ao aprendizado que recebeu em Roma.

No mês seguinte à sua sagração, Dom Fernando assumiu a diocese da histórica cidade de Penedo (AL). Em sua Pastoral de Saudação à cidade, afirmou que “a Igreja é

⁸ Segundo Fernandes (2008), a cidade de Patos, então com dez mil habitantes, se ressentia da falta de um estabelecimento ginasial e o padre Fernando, desempenhando seu papel de educador, fundou o Ginásio Diocesano de Patos para meninos (1937), em um prédio já edificado na cidade, e o Educandário Cristo Rei para meninas (1938), cuja construção se atribui ao jovem padre (FERNANDES, 2003). Entre as obras do jovem Padre em patos destaca-se, também, a reconstrução da Igreja Matriz Nossa Senhora da Guia.

⁹ Foi a partir desse movimento que o Prelado ajudou a criar a CNBB, em 1952.

Jesus Cristo vivo” e que Cristo não pode ser imaginado sem sua Igreja, confirmando sua perspectiva de Igreja sustentada na hierarquia, em cuja unidade se encontra o segredo das vitórias da instituição: “tudo o que se fizer fora do sentir da Hierarquia, por mais legítimo ou santo que pareça, é, pelo menos, inútil à salvação” (SANTOS, 1943, s/p). Nesse mesmo documento, revelou sua preocupação com o mundo moderno, no qual, segundo ele, os cristãos se distanciam da Igreja, mostrando ao mesmo tempo sua esperança de retorno às tradições religiosas.

Em seis anos como bispo de Penedo (1943-1949), criou o Colégio Diocesano para meninos, instalou o Dispensário São Francisco de Assis, para prestar assistência aos pobres e indigentes, fundou o Círculo Operário e preparou a criação da Diocese de Palmeiras dos Índios, fundando na cidade o Educandário Cristo Redentor para meninas e o Ginásio Pio XII para meninos.

O Prelado organizou, sobretudo, a Ação Católica, segundo ele um “remédio suscitado por Deus para a salvação do mundo moderno” (SANTOS, 1943, s/p), que passaria a coordenar os demais movimentos católicos da diocese, com o objetivo de ir “pouco a pouco, afervorando as almas, santificando os lares, sobrenaturalizando a vida para a recristinização da sociedade” (idem, ibidem). Dom Fernando dedicava atenção especial ao movimento porque, embora envolvesse vários segmentos sociais, despertava na juventude ideais para a construção de um mundo mais cristão. Como demonstração dessa prioridade, o Prelado promoveu, durante os anos em que esteve à frente da diocese, a Semana Diocesana de Ação Católica, para mobilizar efetivamente os católicos.

Nesse período, o Prelado conquistou posição de liderança na Ação Católica Brasileira (ACB), participando ativamente do movimento desde que assumiu a função de Bispo, inclusive proferindo conferências que se tornaram referência para o episcopado brasileiro. Nesse sentido, defendeu esse movimento como “uma ‘revolução’, uma renovação de mentalidade, uma recristianização do mundo pagанизado pelo laicismo” (SANTOS, 1947, p. 590), integrada ao Corpo Místico da Igreja, evidenciando que o jovem Bispo defendia o papel da hierarquia eclesiástica no comando do movimento que para ele tinha prioridade sobre os demais.

Em 1949, Dom Fernando assumiu a Diocese de Aracaju e em sua Pastoral de Saudação aos diocesanos reafirmou que a missão da Igreja era recristianizar o mundo em uma ação que exigia a unidade de seu Corpo Místico, ou seja, o Papa como “Vigário de Jesus Cristo na terra”, os Bispos como seus “auxiliares imediatos e insubstituíveis”, o Pároco “em união com o bispo”: “o Papa, o Bispo e o Pároco formam, por assim dizer, a linha reta da hierarquia de jurisdição, a quem compete o governo da Igreja” (SANTOS, 1949, s/p). Como complemento, posicionava-se a Ação Católica, da qual se exigia submissão à hierarquia católica.

Durante oito anos como Bispo de Aracaju (1949-1957), Dom Fernando estruturou a Ação Católica, a Ordem das Vocações Sacerdotais e deu continuidade ao jornal *A Cruzada*, fundado por seu antecessor, Dom José Tomás Gomes da Silva (1911-1948). Propôs também a criação das dioceses de Estância e de Propriá e, no campo da educação, fundou a Faculdade Católica de Filosofia e a Escola de Serviço Social; no setor de assistência criou o Serviço de Assistência à Mendicância (SAME). Sua preocupação

com o problema social no Nordeste o acompanhou desde as primeiras ações como Padre.

O mesmo propósito de amenizar as mazelas sociais havia levado o então Padre Eugênio Sales¹⁰ a iniciar, naquele período, o Movimento de Natal, que teve grande repercussão na região e no resto do país. Camargo (1971, p. 69) avalia que no início os clérigos não relacionavam o problema da pobreza à seca do Nordeste – perspectiva só ressaltada posteriormente – mas o viam como uma situação de desorganização das cidades. Segundo Pierucci, Souza e Camargo (1984, p. 358), o despertar do episcopado para os problemas sociais teve como marco precursor dois encontros regionais realizados em 1952, antecedendo a criação da CNBB; o primeiro, em Manaus, Amazonas, e o outro em Aracaju, Sergipe; este último tendo como Bispo anfitrião Dom Fernando.

O próprio Arcebispo falou sobre a importância desses encontros para um novo posicionamento da Igreja: “tiveram, entre outros, o mérito de despertar a consciência nacional para a solução de problemas fundamentais, o que haveria de estimular a ação pastoral da Igreja e projetá-la no campo sócio-econômico e educacional” (SANTOS, 1985b, p. 7-8). Para Pierucci, Souza e Camargo (1984), esses encontros reafirmaram a disposição da Igreja em colaborar com o Estado.

Exemplo desse encaminhamento foi a presença do Presidente Juscelino Kubitschek em dois encontros de bispos no Nordeste; o primeiro em Campina Grande (1956) e o segundo em Natal (1959), nos quais se discutiu a situação da região e que inspiraram a criação da Operação Nordeste (Opene), precursora da Sudene. A participação de Dom Fernando no encontro de Campina Grande foi lembrada posteriormente pelo Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Antônio de Almeida Morais Júnior (1959, p. 1), salientando “a coragem, a decisão, a firmeza e a bravura com que Dom Fernando Gomes soube discutir os problemas dessa região e para os mesmos apontar as devidas soluções”.

Durante o período em que foi bispo de Aracaju, Dom Fernando participou, ao lado de Dom Helder Câmara, do processo de articulação de um organismo para congregar nacionalmente os bispos, culminando com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952, cujos primeiros encaminhamentos ocorreram no seio da Ação Católica Brasileira (ACB). Na II Semana Nacional de Ação Católica, realizada em Belo Horizonte, em 1947, Dom Fernando, entre outros bispos, desafiou Dom Hélder a criar o Secretariado Nacional de Ação Católica para articular nacionalmente os órgãos diocesanos do movimento, coordenados pelos bispos¹¹. O Secretariado foi estruturado e Dom Hélder foi nomeado Assistente Geral da Ação Católica Brasileira, criando as condições para o surgimento de um organismo que

¹⁰ Sagrado Bispo em 1954, Dom Eugênio Sales foi nomeado cardeal em 1969, tendo sido também Arcebispo do Rio de Janeiro (1971-2001).

¹¹ Dom Hélder Câmara (2003, p. 10) assim se refere ao episódio: “Em uma célebre Assembléia Geral de Ação Católica, os bispos presentes (recordo-me, entre outros, de d. Antônio Cabral, d. Fernando Gomes [grifo nosso] e de d. José Delgado) exigiram a criação de um Secretariado Nacional de Ação Católica. Lançaram até um desafio fraterno: se o secretariado fosse fundado, depois de seis meses de funcionamento, os bispos do Brasil se encarregariam de mantê-lo”.

congregasse os bispos do Brasil. Segundo padre Queiroga (1977, p. 173): “este Secretariado Nacional foi um passo decisivo para a futura organização do episcopado. Aí se forjou um estilo de atuação e uma equipe que preparou concretamente a CNBB e simplesmente se transferiu para esta, quando de sua instalação”. Beozzo (2005a) se refere ao grupo de bispos que foram o sustentáculo da CNBB até a realização do Concílio Vaticano II e sua relação com a Ação Católica:

O núcleo episcopal provinha de grupo de ex-assistentes da Ação Católica, levados ao episcopado pela ação de Dom Helder e do Núncio Dom Armando Lombardi. Eram pessoas que, pela prática da Ação Católica, trabalhavam com método, estavam próximos dos leigos e dos seus problemas e anseios e haviam ganhado uma visão nacional e não apenas paroquial dos problemas, graças às semanas nacionais da Ação Católica. Alguns dentre eles haviam alcançado mesmo uma visão mais latino-americana e internacional, pela própria estrutura de determinados movimentos, como a JOC. Entre esses bispos, encontrava-se um punhado de amigos fiéis, de origem nordestina, como Dom Helder: Dom José Vicente Távora, Dom Eugênio de Araújo Sales, *Dom Fernando Gomes dos Santos* [grifo nosso], Dom José de Medeiros Delgado, Dom Antônio Fragoso, Dom Austregésilo de Mesquita Filho. (BEOZZO, 2005a, p. 359-360)

Bruneau (1974, p.198) atesta a presença de Dom Fernando entre os bispos que compunham o primeiro grupo da CNBB¹², avaliando que esses bispos, em sua maioria vindos do Nordeste, estavam preocupados com o problema social em suas dioceses, entendendo esse comprometimento a toda a instituição. O próprio Dom Hélder reconhece a importância do Prelado nesse processo, conforme afirmam seus biógrafos:

A importância do apoio ativo de vários bispos e sacerdotes à criação da Conferência também não pode se menosprezada. Seria, sem dúvida, mais difícil o êxito de dom Hélder caso ele não contasse com a ajuda de *dom Fernando Gomes* [grifo nosso], dom José Delgado, dom Antônio Cabral e do combativo e fiel amigo monsenhor José Vicente Távora. (PILETTI e PRAXEDES, 1997, p. 197)

Participando ativamente de sua criação, Dom Fernando teve também presença marcante na consolidação da CNBB e, durante a reunião de instalação da entidade, no Palácio São Joaquim, Rio de Janeiro, em 14 de outubro de 1952, o Prelado foi eleito membro da Comissão de Ação Católica, núcleo mais organizado da CNBB, para um mandato de seis anos. Em 1958, já como Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando recebeu

¹² Segundo levantamento do autor, além de Dom Fernando, os demais bispos eram: Dom Hélder Câmara, Dom Carlos Carmelo Mota, Dom Carlos Coelho, Dom Luiz Mousinho, Dom José Delgado, Dom José Távora, Dom Eugênio Sales e Dom Manuel Pereira.

os bispos para a 4ª Assembleia Ordinária da CNBB, ocasião em que foi eleito membro da Comissão Central, cúpula dirigente da entidade.

No entanto, na eleição seguinte, ocorrida em 1964, em Roma, durante a 3ª Sessão do Concílio Vaticano II, na 6ª Assembleia Ordinária da entidade, Dom Fernando e o grupo liderado por Dom Hélder Câmara perderam o comando da CNBB. Dom Hélder foi eleito Secretário Nacional de Ação Social, Dom Eugênio Sales, Secretário Nacional de Opinião Pública e Dom Fernando, Secretário Nacional de Pastoral Extraordinária¹³. Bruneau (1974, p. 218-219) avalia que essa eleição representou uma mudança emblemática na condução da instituição, provavelmente inspirada na preocupação com a repercussão do golpe militar sobre a Igreja: “fizeram isso a despeito do que estava acontecendo em Roma, e em oposição ao tão aclamado espírito de renovação e de reforma”.

[...] a oposição a Dom Helder e à sua linha foi organizada pelo bispo ultra-conservador de Pouso Alegre, MG, Dom José D'Ángelo Neto, que reuniu os Prelados das zonas mais remotas (isto é, bispos de prelazias que são, geralmente, estrangeiros), os conservadores, os moderados que estavam preocupados com o radicalismo, e os que não podiam participar por causa da má saúde. Não somente foi Dom Helder derrotado, como também o foram dois outros membros do grupo da CNBB, Dom Fernando Gomes e Dom Eugênio Sales, que tentaram salvar as eleições.

Durante o período em que atuou na liderança da CNBB, Dom Fernando contribuiu para a consolidação da entidade com intervenções importantes, participando em diversas comissões, apresentando temas para discussão e elaborando documentos. A experiência de criação da CNBB foi significativa na trajetória de Dom Fernando, que passou a vislumbrar a possibilidade de ações mais organizadas dos bispos em todo o país, ampliando a influência da Igreja na sociedade. Quando completou 50 anos de sacerdócio, o Prelado revelou o quanto o período em que foi Bispo de Aracaju foi importante na preparação para o desafio que significou a Arquidiocese de Goiânia: “Aqui parece que houve uma estação, um capítulo mais aprofundado de minha vida, sempre como quem está nas mãos de Deus, a ser preparado, sem saber para o que. Ainda hoje sou agradecido a Deus pelas bênçãos que ele me deu na diocese de Aracaju” (SANTOS, 1982a, p. 645).

3- Uma vocação engajada

Dom Fernando assumiu a Arquidiocese de Goiânia em 1957, quando se iniciava a construção de Brasília, e teve como incumbência também abrir espaço para a Igreja na

¹³ Na reunião da Comissão Central de 11 de novembro daquele ano, ainda em Roma, o Arcebispo conseguiu modificar o nome para Comissão Nacional de Pastoral Especial, ampliando sua atuação, que passou a abranger, além das missões, visitas pastorais e retiros espirituais, também as romarias, os *apostolatus maris*, os aeroportos e as migrações internas (ATA da Reunião da Comissão Central..., 1964, p.2).

nova capital federal, então sob sua jurisdição. O Arcebispo lançou mão de grandes mobilizações para referendar o poder da Igreja. No período em que Juscelino Kubitschek enfrentava resistências em relação à transferência da capital, o Prelado aproveitou a presença de todo o episcopado brasileiro em Goiânia para participar da 4ª Reunião Ordinária da CNBB, em 1958, e levou os bispos a uma visita a Brasília.

Em seu discurso, Dom Fernando (1958a, p.26) manifestou o apoio da Igreja ao presidente e sua iniciativa, lembrando da histórica colaboração entre Igreja e Estado: “Hoje, com a presença de Vossa Excelência, renova-se e revive-se uma de nossas tradições mais belas e mais ricas: a harmonia, a mutua colaboração, consagrada aliás pela própria Constituição do País, entre o Poder Temporal e o Poder Espiritual”. JK, por sua vez, reconheceu o apoio e pediu as bênçãos da Igreja, dirigindo-se aos Cardeais, Arcebispo e Bispos: “quero saudá-los em nome do povo brasileiro, pedindo-lhes que abençoem este empreendimento, cujo objetivo é o esplendor e a glória deste país cristão e católico” (ACIOLI, 1985, p.6)¹⁴.

Em sua pastoral de saudação a Goiânia, é perceptível o amadurecimento de sua trajetória até aquele momento, apresentando uma visão mais otimista sobre a relação do homem com o mundo moderno. Se antes alertava que o homem precisava abrir-se à Igreja, agora ressaltava o desejo do homem de “retorno a Deus”. No entanto, enfatizou o aspecto sobrenatural da Igreja, reafirmando que a missão da instituição é essencialmente sacerdotal e que compete aos bispos continuar a obra dos apóstolos, sucessores de Cristo: “Há, pois uma Hierarquia na Igreja, da qual tudo depende, tanto na ordem da graça, como na ordem de governo e de ação. Desprender-se ou afastar-se dela é desprender-se ou afastar-se da Igreja” (SANTOS, 1957, p. 18).

Pierucci, Souza e Camargo (1984), avaliam que a partir de 1945 a Igreja no Brasil passou por muitas mudanças internas e também em relação à sociedade, que implicavam avanços e recuos. Ao mesmo tempo em que a instituição precisava manter a unidade, conservando suas tradições, buscava uma atualização política, aproximando-se da sociedade. A preocupação com o comunismo no pós-guerra fez com que buscasse atender as demandas da sociedade e, para a instituição, a solução passava pela restauração da ordem cristã. Ao identificar o comunismo como seu principal adversário, a Igreja apresentou projetos de “inspiração cristã” para se contrapor à expansão dessa ideologia, convocando os leigos para ajudá-la na tarefa de reconquistar as massas católicas. Nesse sentido, a instituição promoveu a disseminação da Ação Católica e seus desdobramentos no meio juvenil, com destaque para a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC).

Foi nesse contexto de contraponto ao comunismo que Dom Fernando chegou a Goiás, em 1957, e continuou sua contribuição com o projeto católico de apresentar alternativas cristãs para os problemas sociais, tendo em vista barrar o avanço dessa ideologia e reconquistar o espaço perdido pela Igreja. Os primeiros anos de atuação do

¹⁴ O trabalho de Dom Fernando em Brasília apresentava resultados não só no campo político, como também na implantação da estrutura para o funcionamento da Igreja com a conquista de 72 áreas de 15.000.000 m² cada, além de espaço para a construção da catedral e da sede da CNBB (*Comunicado Mensal da CNBB*, 1959, p.27).

Prelado na nova Arquidiocese demarcaram uma continuidade de seu projeto anterior, no sentido de ampliar a presença da Igreja na sociedade, buscando a colaboração do Estado, conforme revelaram seus discursos em Brasília.

De imediato, o Arcebispo voltou-se para a reestruturação da Ação Católica, que já estava em funcionamento em Goiânia, sugerindo que os demais movimentos procurassem “atualizar seus métodos de apostolado às exigências dos tempos” (SANTOS, 1958b, p. 36). Dentre os movimentos da Ação Católica implantados em Goiás, destaca-se a JUC, que ampliou sua atuação na Arquidiocese, com ênfase na formação do militante, tendo em vista prepará-lo para atuar como liderança em seu meio. No entanto, a partir de 1960, a JUC ingressou no movimento estudantil, assumindo posições contrárias aos interesses da hierarquia católica, que condenou a insubordinação de seus membros. Com o golpe militar, membros da JUC sofreram perseguição política e a hierarquia católica saiu em defesa de seus militantes, gerando conflito entre a Igreja e o Estado. Dom Fernando (1965, p. 31-33) foi um dos que se manifestou internamente, reconhecendo situações delicadas e tensões entre militantes e hierarquia, mas defendendo a importância do movimento, desde que subordinado aos bispos. No entanto, esses conflitos enfraqueceram a JUC, o que implicou em seu desaparecimento.

Dom Fernando implantou ainda na Arquidiocese de Goiânia, em 1961, o Movimento de Educação de Base (MEB), movimento que também teve que se reconfigurar após confrontos com o governo. O MEB se desenvolvia por meio das Escolas Radiofônicas e tratava-se de um programa de alfabetização, promoção social e iniciação profissional voltado para a zona rural. A Igreja estava preocupada também com a perda de sua hegemonia no campo, ameaçada pela penetração do comunismo e respaldava projetos que barrassem esse avanço. No entanto, a partir de 1963, o MEB também se politizou devido ao contato dos seus membros com a realidade social, gerando uma crise interna. Essa crise se ampliou com o golpe militar e a perseguição política, quando o movimento mudou suas diretrizes, afirmando-se como entidade católica com finalidade social e educadora.

A ameaça do comunismo no campo também inspirou outro projeto realizado com o apoio do governo federal, que foi a experiência piloto de reforma agrária na fazenda Nossa Senhora da Conceição, de propriedade da Arquidiocese de Goiânia, situada no município de Corumbá. Dom Fernando se entusiasmou com o plano elaborado por Dom Hélder Câmara para que se aproveitassem terras pertencentes às dioceses com a finalidade de reforma agrária de inspiração cristã, que servissem de modelo nas várias regiões do país. Nesse sentido, ofereceu a fazenda e o governo federal colocou à disposição as verbas destinadas a esse fim. Segundo Amado (1996), a experiência iniciada em 1959 teve seu auge entre 1961 e 1965 e se esgotou em 1966. O autor aponta várias causas para o declínio da experiência; contudo, a falta de compromisso do governo militar com o empreendimento parece ter sido o principal desencadeador dessa situação.

O trabalho de Dom Fernando no campo social teve grande visibilidade no período. No entanto, o Arcebispo sempre manifestou que sua maior preocupação estava voltada para o setor pastoral, principalmente para a formação do clero e do laicato. Por

isso, assim que chegou a Goiânia instituiu a Obra das Vocações Sacerdotais (OVS), além da reunião mensal dos presbíteros e também das religiosas. Encontrou em Goiás ampla rede de escolas católicas, implantadas por seu antecessor, Dom Emanuel Gomes de Oliveira, e empenhou-se em completar a obra da educação no estado, com a criação, em 1959, da Universidade Católica de Goiás¹⁵. Para funcionar como mantenedora da universidade criou a Sociedade Goiana de Cultura (SGC).

Torna-se importante ressaltar o trabalho do Arcebispo no setor de comunicação, tendo em vista ampliar a atuação da Igreja na sociedade. No ano em que tomou posse, criou a *Revista da Arquidiocese*, que circula até hoje; deu continuidade ao jornal *Brasil Central*, criado por seu antecessor, que circulou até 1964, e adquiriu a Rádio Difusora, em 1958, possibilitando a implantação do MEB. Empreendeu outras grandes obras, como a conclusão da catedral, a construção do Seminário Santa Cruz, dos prédios da Cúria Metropolitana e do Secretariado de Pastoral Arquidiocesano (SPAR). Outra atitude destacada por seus sucessores foi a criação das dioceses de Anápolis, Itumbiara, Ipameri e as prelazias de Rubiataba e Miracema.

É possível apontar duas fases na atuação de Dom Fernando em Goiás, cujo divisor de águas foi o Concílio Vaticano II (1962-1965) e também a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (1968). Na primeira fase, o Arcebispo desenvolveu um trabalho pastoral mantido sob o controle da Arquidiocese e um trabalho social com empreendimentos em cooperação com o Estado, cujas iniciativas estavam vinculadas ao combate a visões de mundo adversárias, particularmente o comunismo. Em um segundo momento, abriu-se a uma Igreja mais participativa e comunitária, criando toda uma estrutura na Arquidiocese para consolidar essa linha pastoral, além de apoiar diversos segmentos sociais em suas reivindicações.

O governo militar, que se instalou no país em 1964, inviabilizou diversas iniciativas da Igreja, particularmente aqueles movimentos que se politizaram, como a Ação Católica e o MEB, que foram perseguidos pelo regime. A partir de então, a Igreja no Brasil teve que buscar outros caminhos pastorais. Esse período foi também de significativas mudanças no interior da Igreja, decorrentes das resoluções do Concílio Vaticano II (1962-1965), do qual Dom Fernando participou e cuja experiência transformou profundamente suas posições¹⁶.

Conforme levantamento realizado por Beozzo (2005a), Dom Fernando participou das quatro sessões do Concílio Vaticano II (1962-1965) e marcou presença com seis intervenções, quatro escritas e duas orais, sendo as orais de maior repercussão.

¹⁵ Em 2009 a UCG tornou-se Pontifícia Universidade Católica (PUC/GO)

¹⁶ João XXIII convocou o Concílio Vaticano II no interior de uma perspectiva pastoral, visando, sobretudo, a atualização da Igreja frente às mudanças do mundo moderno: “buscar, pelo diálogo, remédios pastorais para as aflições e indagações dos fiéis e da humanidade” (BEOZZO, 2005b, p. 12). Antes de partir para a primeira sessão desse conclave, Dom Fernando escreveu uma carta pastoral aos diocesanos, sinalizando que eram três os objetivos do Vaticano II: o primeiro, “incrementar a fé católica”, sendo necessário “restaurar o prestígio da religião, recolocar a sociedade em bases cristãs” (SANTOS, 1962, p. 6). O segundo objetivo tratava da “renovação dos costumes” visando despertar na humanidade a caridade e o espírito comunitário. O terceiro objetivo, tinha em vista “adaptar a disciplina eclesial às necessidades do mundo contemporâneo”.

Durante a segunda sessão conciliar, em 1963, o Arcebispo fez uma intervenção oral durante a discussão sobre o esquema dos bispos – *De episcopis ac de Diocesim Regimini* – propondo, em nome de 59 prelados brasileiros, a ampliação do poder de ação dos bispos no interior da Igreja. Segundo o jornal *Brasil Central*, “a intervenção do ilustre arcebispo de Goiânia mereceu mais de uma página de resumo no *Boletim Diário do Concílio*, o que normalmente não acontece com os demais pronunciamentos” (BRASIL CENTRAL, 1963a, p. 1).

Na terceira sessão conciliar, Dom Fernando fez nova intervenção oral, durante a discussão do esquema sobre o sacerdócio – *Presbyterorum Ordinis* – tecendo contundentes críticas ao documento apresentado. Ao falar em nome de 112 bispos do Brasil e de outras nações, o prelado revelou que a leitura do esquema proposto causou “grande decepção” e tornara-se uma “quase injúria” aos sacerdotes que, segundo o Arcebispo, esperavam uma discussão mais profunda sobre o tema, que havia sido tratado sem o cuidado necessário.

Ao final de sua intervenção, Dom Fernando propôs que o texto não fosse submetido à votação e que se redigisse outro, “mais condigno”, para ser votado em uma quarta sessão conciliar. Ao terminar, Dom Fernando foi calorosamente aplaudido pela maioria dos padres conciliares em uma demonstração de apoio ao seu ponto de vista (O GLOBO, 1960, p. 1; BRASIL CENTRAL, 1964, p. 1).

Dom Fernando tornou-se, dessa forma, o primeiro padre conciliar a solicitar explicitamente a realização de uma quarta sessão conciliar, embora um grupo de cardeais progressistas estivesse trabalhando nos bastidores com esse objetivo. A repercussão na imprensa internacional sobre a intervenção de Dom Fernando foi intensa. Jornais de diversos países repetiram os argumentos do Arcebispo de Goiânia, revelando que seu posicionamento possibilitou a quarta sessão conciliar, que seria realizada no ano seguinte¹⁷.

Alguns analistas, entre os quais Libânio (2005, p. 212), ressaltam, dentre os resultados do Concílio, um “crescimento no espírito de participação e comunitário no interior da Igreja”, com destaque para a decisão de que os bispos se tornariam colegialmente responsáveis pela instituição e também a “participação dos leigos na vida da Igreja”. Camacho (1995) reflete sobre o Concílio a partir da Doutrina Social da Igreja, avaliando que a constituição *Gaudium et Spes* (1965), fruto do encontro, teve como uma de suas principais contribuições a mudança da relação da Igreja com o mundo. O autor avalia que o evento buscou uma reconciliação da Igreja com a sociedade, rompida pela secularização, ou seja, pela separação entre o religioso e o profano. Essa reconciliação se daria pela colocação do homem como “o centro e o sujeito privilegiado” e da compreensão da eclesiologia que passa “de uma Igreja para si a uma Igreja para os

¹⁷ Entre as matérias dos jornais estrangeiros que deram repercussão à intervenção de Dom Fernando estão: “Si prolunga la discussione sui sacerdoti mentre sembra probabile un'altra sessione. *L'Avvenire D'Italia*, 15/10/64, p. 1-2; Dopo l'intervento dei Cardinali presso il papa la dichiarazione sugli ebrei verrà perfezionata dal Concilio. *Il Messaggero*, 15/10/1964; FESQUET, Henri. Au nom de cent douze évêques, Mgr Gomez affirme que “le sacerdoce est le problème numéro un du concile”. *Le Monde*, 16/10/1964; DOTY, Robert C. Concil fathers see 4th session. *New York Times*, 15/10/1964, p. 3; Pressure mounts for 4th session of Vatican Concil. *Daily American*, 15/10/1964.

homens” (CAMACHO, 1995, p. 247-248). Constata-se uma percepção mais voltada para uma perspectiva de Igreja como povo de Deus.

No entanto, a recepção do Concílio não ocorreu de forma unânime e nem imediata, e o mesmo se sucedeu com Dom Fernando, que aos poucos foi traduzindo as decisões conciliares para suas ações e discursos. Após o Concílio, o Arcebispo elaborou vários documentos, visando orientar o clero e leigos da Arquidiocese, nos quais manifestava a visão de uma Igreja mais aberta a todos, na qual bispos e sacerdotes visam servir, integrados na vida do povo (SANTOS, 1966).

O processo de mudanças no que referia ao posicionamento social pelo qual passou Dom Fernando se ampliou com sua participação na II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (1968), em Medellín, Colômbia. A conferência de Medellín marcou a recepção do concílio na América Latina e durante o encontro Dom Fernando foi o coordenador da comissão encarregada de estudar os meios de comunicação social e elaborar o documento sobre o tema. Ao analisar a introdução das conclusões do encontro, Catão (1998, p. 267) chama a atenção para o “espírito de Medellín”, que pensa a Igreja “a partir de seu agir no mundo; de sua missão”.

Além do compromisso com os pobres, Medellín destacou a necessidade de novos movimentos leigos para atender a uma nova realidade. Nesse passo, desde o encerramento do Vaticano II e com mais ênfase a partir da publicação da encíclica *Populorum Progressio* (1967) – propondo uma ação efetiva para o desenvolvimento integral do homem e o desenvolvimento solidário da humanidade (CAMACHO, 1995) - Dom Fernando reforça a compreensão de uma Igreja plenamente vinculada à vida do homem no mundo, ou seja, Igreja como povo de Deus:

Não se trata de uma Igreja constituída de Bispos e Padres em que os outros membros são menos povo do que “massa”. Trata-se de um povo organizado que tem os seus líderes, os seus responsáveis, mas todos formam um verdadeiro “povo”, constituído de pessoas inteligentes e livres. (REVISTA DA ARQUIDIOCESE, 1967C, P.641)

Após a Conferência de Medellín, as declarações do Arcebispo se tornaram mais incisivas. Ao retornar desse evento, o Arcebispo encabeçou uma declaração reforçando a concepção da Igreja, que além de comunidade espiritual é também sociedade visível, inserida na história da humanidade:

Como seu Divino Fundador, a Igreja, também, se encarna: mergulha fundamentalmente no temporal. Caminha justamente com a humanidade inteira e sabe que participa com o mundo da mesma sorte terrena, sem perder sua dimensão divina, imutável. Compreende assim, que só assumindo a História Humana para elevar e dignificar o homem e a sociedade, cumprirá o mandato que recebeu do seu Senhor (SANTOS, 1968)¹⁸.

¹⁸ Esse documento circulou no contexto do lançamento do movimento Ação, Justiça e Paz, em Goiânia.

Resaltou ainda que a missão da Igreja é dar sentido cristão aos valores do mundo moderno, fazendo com que as mudanças ocorressem dentro dos princípios da religião, na defesa dos menos favorecidos.

Ela [a Igreja] se determina, por imperativo de sua missão, a colaborar para modificar e atualizar esses sistemas e estruturas [eclesiais ou civis], com o mesmo e único objetivo de elevar, dignificar e defender a todos os injustiçados e oprimidos, seja qual for a forma de opressão ou de injustiça. (Idem, *ibidem*)

Essa postura de Dom Fernando – concretizando uma posição mais enfática na luta por justiça – revela que sua eclesiologia acompanhava a Doutrina Social da Igreja, tendo incorporado seus avanços a partir do Concílio, particularmente após a publicação da encíclica *Populorum Progressio* e sua concepção de desenvolvimento integral do homem.

Além das transformações na orientação da Igreja, o período também marcou mudanças no campo político, com o acirramento do regime militar¹⁹. Dom Fernando nunca rompeu relações com o governo militar, embora tenha vivido diversas situações de confronto, seja na defesa de membros da Igreja perseguidos pelo regime, seja apoiando manifestações de segmentos sociais que clamavam por justiça. No dia 2 de abril de 1968 ocorreu um dos episódios mais marcantes no confronto da Arquidiocese de Goiânia com o regime militar, quando policiais à paisana atiraram em dois estudantes que se refugiavam na catedral: Telmo de Faria e Maria Lúcia Jaime²⁰.

Duarte (2003)²¹ aponta uma mudança no posicionamento do Arcebispo em relação à compreensão sobre o processo político brasileiro, a partir do início da década de 1970. Ela cita como marco a aproximação entre a Arquidiocese de Goiânia e suas sufragâneas, a Prelazia de São Félix do Araguaia, com Dom Pedro Casaldáliga, e a Diocese de Goiás, com Dom Tomás Balduino, ambas comprometidas com causas populares como a luta pela terra. A publicação do documento *Marginalização de um povo* –

¹⁹ Desde o golpe não houve “soluções de compromisso” do novo regime com a Igreja (PIERUCCI et al., 1984, p. 372), situação que se agravou após 1968. No entanto, os representantes da hierarquia eclesiástica jamais deixaram de acreditar na possibilidade de diálogo com o regime (SERBIN, 2001).

²⁰ No dia anterior, os estudantes haviam saído em passeata – para protestar contra o assassinato de um estudante no Rio de Janeiro – quando houve confronto com a polícia que atirou e matou um lavador de carros, pensando tratar-se do líder estudantil Euler Ivo. No dia 2, quando os estudantes protestavam contra a morte do lavador de carros, foram perseguidos pela polícia e se refugiaram na catedral, onde ocorreu o incidente (DUARTE, 2003).

²¹ Duarte (2003) fez um estudo sobre a Arquidiocese de Goiânia de 1968 a 1985, mostrando o engajamento da instituição no projeto de desenvolvimento do país, sua luta por justiça e pela defesa dos direitos humanos, em um período marcado por conflitos com os governos militares. Para a autora (*idem*, p. 74), os documentos de Medellín e a ameaça da violência armada, após a vitória da revolução cubana em 1959, influenciaram Dom Fernando em seus posicionamentos no período: “a proposta de D. Fernando, assim como a proposta dos bispos, em Medellín, foi um processo reformista, para que se evitasse uma revolução, com a total transformação das estruturas sociais”.

grito das Igrejas, em 1973, assinado por seis bispos do Regional Centro-Oeste da CNBB²², marcava o período por denunciar os graves problemas enfrentados pelo homem do campo em relação aos proprietários de terra que os exploravam, à posição do governo que protegia esses proprietários e também em relação à estrutura econômica do país, considerada injusta. Essa publicação trouxe consequências, como a prisão, pela polícia federal, do proprietário e dos funcionários da gráfica que imprimiu o documento, além da suspensão da publicação da *Revista da Arquidiocese*, que se preparava para divulgá-lo²³.

Ainda em 1973, Dom Fernando publicou a carta pastoral *Como vemos a situação da Igreja em face do atual regime*, que teve também graves consequências. O Arcebispo analisava a conjuntura sócio-religiosa fazendo críticas ao regime, denunciando que a causa dos problemas estavam “no próprio sistema político que procura firmar sua filosofia e seus métodos” (SANTOS, 1982b, p.230).

No documento, Dom Fernando afirmou que os bispos agiam em defesa dos pobres, dos injustiçados, dos oprimidos, expondo os excessos do regime e denunciando quando contrariavam os princípios fundamentais da pessoa humana. Ademais, propôs a preparação de agentes pastorais para atuar em pequenas comunidades, a formação de pessoal para agir no exercício de sua profissão e a promoção de estudos e pesquisas de ordem sociológica como subsídios de ação planejada, além da proclamação da justiça e denuncia contra a iniquidade.

A divulgação da carta pastoral levou Dom Fernando a ser intimado a participar de um encontro com a *Comissão Bipartite*, criada no governo Médici (1969-1974), composta por representantes da Igreja e do governo militar, visando superar o crescente antagonismo entre as duas instituições, cujas reuniões eram sigilosas. O encontro ocorreu em 3 de agosto, no Rio de Janeiro, para o qual Dom Fernando levou um texto escrito, no qual citava documentos episcopais, sinalizando como a Igreja sempre esteve disposta ao diálogo com os governos, alegando que as tensões entre os homens da Igreja e os homens do Estado levam a “um trauma que abala as fibras mais sensíveis de nossa história e de nossas tradições” (SANTOS, 1982c, p. 241), mostrando que ainda acreditava na possibilidade de diálogo com o regime. Serbin (2001) chama a atenção para o fato de o arcebispo reforçar a necessidade de diálogo e mútua colaboração entre Igreja e Estado, devido à sua posição em favor do desenvolvimento do país.

Esse período de confrontos parece ter sido difícil para Dom Fernando, que em setembro de 1972 escreveu o *Poema da Morte* e, na mesma época, enviou a Roma sua primeira carta, formalizando pedido de renúncia, alegando que estava “brigando muito” e solicitava a indicação de um bispo coadjutor com direito à sucessão. A intenção do Arcebispo era preparar um substituto para dar continuidade ao seu trabalho. Entretanto, o Vaticano, afirmando que seus embates eram produtivos e deveriam continuar, respondeu sua carta em 1974, determinando sua permanência.

²² Dom Fernando, Arcebispo de Goiânia, Dom Epaminondas, Bispo de Anápolis, Dom Tomás, Bispo de Goiás, Dom Pedro, Bispo de São Félix, Dom Estevão, Bispo de Marabá, e Dom Celso, Bispo Auxiliar de Porto Nacional.

²³ A Revista só voltou a circular em outubro de 1974.

Os enfrentamentos continuaram e, segundo Duarte (2003, p. 81), “foi em 1976, sob o governo do Presidente Geisel, que os conflitos evoluíram de confrontos verbais ou manifestos escritos, e até prisões, para verdadeiras tragédias”. Como exemplo cita a morte, em outubro daquele ano, do padre João Bosco Penido Burnier, missionário jesuíta da Prelazia de Diamantino (MT). Padre Burnier, coordenador regional do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), foi baleado por um soldado quando acompanhava Dom Pedro Casaldáliga em uma visita ao povoado de Ribeirão Bonito (MT) e se dirigiram à delegacia da cidade para defender duas mulheres que estavam sendo torturadas²⁴. A *Revista da Arquidiocese* publicou um dossiê sobre a morte do Padre e Dom Fernando fez o texto de abertura. O Arcebispo, que, na maioria dos confrontos, julgava que esses atos arbitrários fugiam ao controle do governo, mostrava agora acreditar na condescendência das autoridades: “Tudo indica que há estímulo ou convivência de pessoas ou organizações oficiais” (SANTOS, 1976, p. 743-744).

A partir de meados da década de 1970, a Igreja partiu para a criação de organismos voltados para a defesa dos direitos humanos, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT). As CEBs tiveram expressivo crescimento na Arquidiocese, tendo sido incorporadas ao Plano Pastoral para os anos de 1973 e 1974, conquistando ainda mais espaço a partir do Plano Pastoral de 1978 (DUARTE, 2003). Esse crescimento ficou evidente quando a Arquidiocese de Goiânia foi escolhida para sediar o 6º Encontro Intereclesial de CEBs. Em 1984, Dom Fernando formou a Comissão Executiva do encontro, que foi realizado em Trindade, de 21 a 25 de junho de 1986, durante a gestão de Dom Antônio. Segundo avaliação de Dom Fernando (SANTOS, 1985b, p. 12), em 1985, as CEBs constituíam “a tônica mais forte do *Plano Pastoral da Arquidiocese*, vivificados com as luzes do Concílio e a experiência de muitas dioceses”.

O CIMI e a CPT tiveram Goiânia como palco para sua criação, em 1975, sob os auspícios de Dom Fernando. O CIMI foi criado durante a I Assembleia Indigenista e a CPT teve sua criação definida no relatório final do Encontro de Pastoral da Amazônia Legal, atuando intensamente nos conflitos de terra na região desde então. Dom Fernando, além de acompanhar o trabalho da comissão, se posicionava em defesa das vítimas dos conflitos que ocorriam não só em Goiás, mas em todo o país. Ivo Poletto (1985, p. 397), quando assessor da CPT Nacional, ao falar da dedicação de Dom Fernando à entidade, confidenciou: “se não fosse a posição firme e corajosa dele, provavelmente, não teria havido condição de existir essa Comissão”. A criação desses organismos ocorreu no contexto de abertura lenta e gradual durante o governo Geisel (1974-1979), período de ressurgimento dos movimentos populares no país.

Devido ao seu posicionamento no campo político, Dom Fernando tornou-se referência para diversos movimentos em Goiânia, que procuraram o apoio do Arcebispo. O Prelado, por sua vez, fazia sempre uma avaliação ampla dos movimentos, mostrando

²⁴ Segundo Duarte (2003, p. 85), o assassinato do Padre Burnier foi um dos fatos que “contribuíram para que a Igreja se colocasse, gradativamente, como entidade autônoma diante do Estado, com a capacidade de oposição e resistência ao seu “magistério paralelo””.

percebê-los como a contraposição de uma mesma política equivocada do governo militar. O Movimento Custo de Vida, os operários da construção civil e o movimento estudantil obtiveram manifestações em defesa de suas causas, por parte do Arcebispo; no entanto, dois outros exigiram de Dom Fernando um apoio mais constante e efetivo: o Movimento dos Professores e o Movimento de Ocupações Urbanas.

No início de 1979, o Movimento de Valorização dos Professores, que representava os docentes da rede estadual, desencadeou uma série de manifestações e Dom Fernando denunciou, na ocasião, o “pauperismo crônico” e a “quase miséria” das escolas públicas, além de lembrar que alguns professores recebiam salário abaixo do mínimo, não dispondo do necessário para viver e manter a família. Para o prelado, os professores estavam sendo espoliados em seus direitos, o que exigia a colaboração de todos: “trata-se, portanto, de problema coletivo que prejudica a criança, o jovem e degrada a sociedade no presente e ainda mais no futuro” (SANTOS, 1979, p. 338). Devido ao não cumprimento das reivindicações por parte do governo estadual, os professores voltaram a fazer greve no ano seguinte, a qual Dom Fernando considerou “justa, digna e bem orientada” (SANTOS, 1980a, p. 166).

As manifestações dos professores em greve, que no início eram marcadas para a Praça Universitária, mas que, devido à repressão policial, passaram a acontecer na praça da catedral, contando com o apoio de Dom Fernando, tornaram aquela pequena praça um símbolo de resistência aos arbítrios dos governos militares. Segundo Duarte (2003, p. 102) “desde 1979 [Dom Fernando] cedeu a Catedral, dependências da Universidade Católica e outras igrejas de Goiânia e do interior para a realização das assembleias”. Ao fazer uma avaliação sobre seu trabalho à frente da Arquidiocese, Dom Fernando incluiu o “[...] apoio às greves consideradas justas e pacíficas de professores, estudantes e operários, e à luta permanente contra as irregularidades dos que se julgam donos do povo e são responsáveis pelos desmandos da arbitrariedade de um regime político injusto” (SANTOS, 1985b, p. 15).

Outro movimento que contou com o apoio da Arquidiocese e, particularmente, de Dom Fernando, foi o de ocupações urbanas, que se intensificou em Goiânia a partir de 1979. A primeira dessas invasões ocorreu em meados daquele ano, denominando a localização como Jardim Nova Esperança. Segundo Duarte (2003, p. 109), “entre 1979 e 1981, aumentaram as ocupações em Goiânia e também os conflitos policiais, quer nas propriedades particulares, em nome da defesa da propriedade privada, quer em áreas públicas, sob o pretexto de urbanização da cidade”. Dom Fernando voltou a denunciar o tratamento diferenciado do governo, “insensível aos clamores do povo sofredor” e voltado aos “projetos de grande porte econômico” (SANTOS, 1980b, p. 295).

O processo de abertura política iniciado por Geisel teve continuidade no governo Figueiredo (1979-1985), com eleições diretas em todos os níveis, exceto para presidente da república, em 1982, ano em que foram comemorados os 50 anos de ordenação sacerdotal de Dom Fernando. Em 1984, foi deflagrado o movimento *Diretas Já*, exigindo o retorno das eleições diretas no país, recusado com a derrota da emenda Dante de Oliveira, no Congresso Nacional, em 25 de abril de 1984. Nesse cenário, Tancredo Neves e José Sarney foram eleitos, pelo colégio eleitoral, respectivamente

Presidente e Vice-presidente da república, em 15 de janeiro de 1985. Tancredo morreu antes de tomar posse e Dom Fernando celebrou missa em sufrágio de sua alma, revelando que mantinha a esperança de uma sociedade melhor, incentivando os católicos a lutar por ela:

Nesta missa, vamos nos unir em sufrágio de sua alma, mas, sobretudo, rezar pelo Brasil. Foi com essa intenção que convidei toda a Arquidiocese: para rezarmos juntos, nesta noite, porque há poucos dias mudou o governo. Mas não foi só o governo que mudou, mudou o sistema político que perdurou durante 21 anos. Está mudando a sociedade. Compete a nós seguir esse exemplo e aproveitar desta oportunidade, esta comoção que abraçou o País inteiro e não perdermos a oportunidade. (SANTOS, 1985c, p. 272)

Um mês e dez dias depois, Dom Fernando morreu, em 1º de junho de 1985, tendo participado ativamente da história da Igreja em grande parte do século XX e deixando como memória de sua ação pastoral a preocupação social, passando de uma posição assistencialista para o reconhecimento da capacidade de luta do povo. Com um grupo de bispos, a maioria também oriunda do Nordeste, acompanhou as mudanças na eclesiologia católica e liderou as principais mudanças na condução da Igreja em todo esse período. Sua formação rigorosa forjou sua eclesiologia, inspirando uma trajetória de dedicação à causa católica que levou o grupo que o acompanhou a representá-lo como um homem fiel a Deus e à Igreja e, ao mesmo tempo, atento às mudanças do mundo moderno. Sua memória continuou inspirando a condução da Arquidiocese durante os anos seguintes.

Referências

- ACIOLI, Armando. Um apóstolo da questão social. *O Popular*, p. 6, 9 jul. 1985.
- AMADO, Wolmir Therezio. A eclesiologia em Dom Fernando pós Medellín. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 2, p. 54-70, 1995.
- _____. *A Igreja e a questão agrária no Centro-Oeste do Brasil (1950-1968)*. Goiânia: UCG, 1996.
- _____. *ATA da Reunião da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*, de 11 de novembro de 1964, p.2.
- AZZI, Riolando. *Neocrisandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. Dois Seminários Diocesanos brasileiros e seus modelos escolares de formação sacerdotal (1894-1933). *Actas do VII Congresso Luso Brasileiro de História da Educação*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, 20 a 23 jun. 2008. Disponível em: <http://74.125.155.132/scholar?q=cache:Wu10rvERNwgJ:scholar.google.com/+Raylane..>. Acesso em: 15/6/2010.
- _____. História comparada da educação sacerdotal nos seminários da Paraíba e Sergipe (1894-1933). Trabalho apresentado no *IV Congresso Brasileiro de História da Educação*.

- Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 5 a 8 nov. 2002. Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhey/individuais-coautorais/cixo05/Raylane% 20 Navarro%-20texto.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhey/individuais-coautorais/cixo05/Raylane%20Navarro%20texto.pdf).
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II: 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005a.
- _____. O Concílio Vaticano II: etapa preparatória. In: LORSCHEIDER, Dom Aloísio Leo Arlindo et al. *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005b. p. 9-37.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. Editorial. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 45, fasc. 177, mar. 1985.
- BRASIL CENTRAL. Notável pronunciamento de Dom Fernando no Concílio Ecumênico. *Brasil Central*, Goiânia, n. 438, p. 1, 22/11/1963a.
- _____. Proposta do arcebispo de Goiânia foi calorosamente aplaudida no Concílio. *Brasil Central*. Goiânia, n. 485, p. 6, 18/10/1964.
- BRUNEAU, Thomás C. *Catolicismo Brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974.
- CAMACHO, Idelfonso. *Doutrina Social da Igreja: abordagem histórica*. São Paulo: Loyola, 1995.
- CÂMARA, Dom Helder. A CNBB nasceu assim. In: INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (Org.). *Presença Pública da Igreja no Brasil: jubileu de ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 9-11.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de Camargo. *Igreja e desenvolvimento*. São Paulo: Cebrap, 1971.
- CATÃO, Francisco. Aos trinta anos de Medellín. In: PADIN et al. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* São Paulo: Paulinas, 1998. p. 253-284.
- COMUNICADO Mensal da CNBB, n. 76, p. 27, jan. 1959.
- DUARTE, Teresinha. *Se as paredes da Catedral falassem: a Arquidiocese de Goiânia e o Regime Militar*. Goiânia: Editora da UCG, 2003.
- DUFFY, Eamon. *Santos & Pecadores: história dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- EDWARDS, Lisa Marie. *In science and virtue: the education of Latin American clergy, 1858-1967*. Tese (Doutorado), Universidade Tulane, 2002.
- FERNANDES, Padre Luiz G. (org). *O Seminário Arquidiocesano da Paraíba e o jubileu de diamante de sua fundação*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1954.
- FERNANDES, Flávio Sátiro. *Na Rota do Tempo: datas, fatos e curiosidades da história de Patos*. João Pessoa, PB: Imprell Editora, 2003.
- _____. *Subsídios para a História do Ginásio Diocesano de Patos*. João Pessoa, PB: Sal da Terra Editora, 2008.
- GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como Comunhão Orgânica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- LIBÂNIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.

- LIMA, Haroldo; ARANTES, Aldo. *História da Ação Popular*: da JUC ao PCdoB. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MICELI, Sérgio. *A Elite Eclesiástica Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.
- MORAIS JÚNIOR, Dom Antônio de Almeida. Dom Fernando lembrado na reunião de Recife. *Brasil Central*, Goiânia, p. 1, 13/12/1959.
- O GLOBO. Prelado brasileiro pede a prorrogação do Concílio. *O Globo*, p. 1, 15/10/1960.
- PIERUCCI, Antônio Flavio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja Católica: 1945-1970. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História da Civilização Brasileira*. v. 4. São Paulo: Difel, 1984. p. 343-380.
- PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997.
- POLETO, Ivo. Dom Fernando e a CPT. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 6-7, p. 397, jun./jul. 1985.
- QUEIROGA, Pe. Gervásio Fernandes. *CNBB: comunhão e corresponsabilidade*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- REVISTA DA ARQUIDIOCESE. Arcebispo fala ao Jornal do Brasil. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 8, p. 641-642, ago. 1967c.
- SANTOS, Dom Fernando Gomes dos. A vida aos 75 anos. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 4, p. 208-221, abr. 1985a.
- _____. A vida e as lutas de um bispo que chegou aos 75 anos. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 45, fasc. 177, p. 5-15, mar. 1985b.
- _____. A eucaristia, fonte e fim da Ação Católica. *Revista Vozes*, p. 584-594, set./out. 1947.
- _____. Carta ao Secretariado de Apostolado dos Leigos da CNBB. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n.1, p. 31-33, jan. 1965.
- _____. Carta Pastoral ao Clero, aos fiéis e a todos os habitantes de Penedo. *Livro do Tombo da Diocese de Penedo*, Alagoas, s/p, 9/5/1943.
- _____. Como vemos a situação da Igreja em face do atual regime. In: *Sem violência e sem medo: escritos, homilias e entrevistas*. Goiânia: UCG, 1982b. p.231.
- _____. *Concílio Ecumênico Vaticano II: carta pastoral aos diocesanos*. Goiânia: Gráfica Brasil Central, 1962. p. 6.
- _____. Constituição dogmática sobre a Igreja. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 2, p. 88-96, fev. 1966.
- _____. Diálogo militares-Igreja (Alocução de Dom Fernando). In: *Sem violência e sem medo: escritos, homilias e entrevistas*. Goiânia: UCG, 1982c. p. 240-242.
- _____. Discurso proferido por D. Fernando Gomes em Brasília. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 7, p. 25-27, jul. 1958a.
- _____. Dom Fernando e Tancredo Neves. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 5, p. 271-273, mai. 1985c.

-
- _____. Invasões e violência. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 5, p. 294-296, mai. 1980b.
- _____. Mataram o padre Burnier. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 11, p. 743-744, nov. 1976.
- _____. Mensagem aos professores. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 6, p. 337-340, jun. 1979.
- _____. *Pastoral de Saudação a seus diocesanos*. Aracaju, SE, 15/5/1949 (brochura).
- _____. Palavras de Dom Fernando. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 11, p. 641-646, nov. 1982a.
- _____. Pastoral de Saudação. *Diário do Congresso Nacional*, Seção I, p. 28-31, jun. 1957.
- _____. Segunda mensagem aos professores. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 3, p. 165-167, mar. 1980a.
- _____. et al. Ação, justiça e paz. *Caderno de Notícias*, Goiânia, n. 1, s/p, 30/10/1968.
- _____. et al. Carta Pastoral. *Revista da Arquidiocese*, Goiânia, n. 1, p. 1-49, jan. 1958b.
- SERBIN, Kennet P. *Diálogos na Sombra*: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.